

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO COMER ENTRE AGRICULTORES FAMILIARES

SOCIAL REPRESENTATIONS OF EATING AMONG FAMILY FARMERS

Ellen de Souza Fróes¹, Milena Vieira Porto¹, Ingrid Garcia de Oliveira^{1*}

1 – Centro Universitário Goyazes. Trindade-GO, Brasil.

*Correspondente: ingryd.oliveira@unigoyazes.edu.br

RESUMO

Objetivo: identificar e discutir representações sociais do comer entre agricultores familiares. **Material e Métodos:** Realizou-se um estudo qualitativo com os produtores e produtoras familiares, residentes da zona rural do município de Silvânia - Goiás, regional de saúde Estrada de Ferro. Para o levantamento das falas e representações foi realizado um grupo focal *in loco* com o uso de um roteiro semiestruturado. **Resultados:** Participaram do estudo onze indivíduos, sendo sete mulheres e quatro homens, com faixa etária entre 40 a 65 anos. A partir das discussões no grupo focal foram identificadas duas categorias de representações sociais sendo eles classificadas em centrais e periféricas. A primeira categoria central de representação foi chamada de: “O movimento camponês popular e suas conexões com o comer”, e obteve como categorias periféricas “possibilidades de escolha na produção de alimentos”, e “conhecimento de práticas agrícolas”. A segunda categoria central identificada recebeu o nome de “Os sistemas alimentares e suas conexões com o comer”, tendo como categorias periféricas “a expulsão dos camponeses do campo” e “contaminação por agrotóxicos e comida como mercadoria”. **Conclusão:** o comer gera percepções que estão além da sua dimensão biológica. Os resultados evidenciam que os símbolos e os significados atribuídos ao ato de comer, são marcados por experiências individuais e coletivas, de vida e trabalho.

Palavras-chave: Representações sociais. Agricultura sustentável. Alimentação.

ABSTRACT

Aim: to identify and discuss social representations of eating among family farmers. **Material and Methods:** A qualitative study was carried out with family producers, residents of the rural area of the municipality of Silvânia - Goiás, Estrada de Ferro health region. To survey the statements and representations, an on-site focus group was held using a semi-structured script. **Results:** Eleven individuals participated in the study, seven women and four men, aged between 40 and 65 years. From the discussions in the focus group, two categories of social representations were identified, classified as central and peripheral. The first central category of representation was called: “The popular peasant movement and its connections with eating”, and had as peripheral categories “possibilities of choice in food production”, and “knowledge of agricultural practices”. The second central category identified was called “Food systems and their connections with eating”, with peripheral categories “the expulsion of peasants from the countryside” and “contamination by pesticides and food as a commodity”. **Conclusion:** It is concluded that eating generates perceptions that are beyond its biological dimension. The result



show that the symbols and meanings attributed to the act of eating are marked by individual and collective experiences, of life and work.

Keywords: Social representations. Sustainable Agriculture. Food.

INTRODUÇÃO

Os sistemas alimentares hegemônicos, no Brasil, nos últimos anos foram marcados pela intensificação das monoculturas. No meio rural são notáveis os impactos desse modelo para todas as formas de vida, desde a perda biodiversidade do planeta até às implicações na cultura alimentar regional dos diferentes territórios. A ampliação dos latifúndios, o domínio das empresas transnacionais e o uso excessivo dos agrotóxicos convergem a uma lógica produtivista em que o alimento, diferente de comida, é mercadoria (SILVA, 2013).

Tem-se assim, a tipificação de um modelo de produção de alimentos conhecido por “agronegócio”. O desequilíbrio provocado por esse sistema se manifesta tanto nas formas naturais - fragilização dos biomas, aumento de pragas nas lavouras, contaminação do solo e da água, entre outros, quanto na descaracterização da comida que em determinados contextos é percebida como “segura, adequada e saudável” mesmo tendo origem em modelos de produção agressivos e ameaçadores da saúde humana (ABRASCO, 2015).

Em oposição a essa forma tradicional de plantio a agricultura familiar que pauta a disponibilidade e acesso ao alimento de verdade. Considera-se como comida o alimento que representa a pluralidade cultural, a sociedade, a história, ancestralidade e afeto de um povo. Nesse sentido tem-se os movimentos sociais de luta campesina e pelo Direito Humano à Alimentação e Nutrição Adequada (DHANA) (CONTRERAS, 2011; FELICIANO, 2003).

Movimentos organizados de agricultores familiares, se constituem como espaço de resistência prol Soberania Alimentar. Dentre esses movimentos, está a luta pelo avanço do direito à moradia rural, e outros acessos necessários à vida no campo, como saúde, escola e emprego; o resgate, produção, multiplicação e distribuição de sementes crioulas e a produção e alimentos de forma diversificada e agroecológica, reafirmando a busca pela soberania alimentar (ALVES; COSTA, 2012).

A teoria da representação social busca compreender e analisar o processo em torno da construção de conhecimentos/ significados do senso comum e sua associação aos objetos sociais, que são idealizados a partir da interação social dos sujeitos permitindo então a comunicação e organização de comportamentos (OLIVEIRA; WERBA, 2002).

As representações sociais (RS) segundo Moscovici (2003), compreendem pensamentos, sentimentos, emoções, práticas, afetos e cognições, que se encontram em constante mudança a partir do tempo e história.

As conexões entre o alimento e formas sustentáveis de plantio, podem refletir em representações sociais do que vem a ser o “o ato de comer” no contexto campesino e no campo da soberania alimentar. Ressalta-se que a discussão sobre o comer à luz dos sistemas alimentares e lutas sociais se distancia da dimensão puramente biológica e adentra os campos políticos, sociais e ideológicos da trajetória de luta pela alimentação adequada (MAZUR et al.,2014).

O comer enquanto fenômeno social se constitui de particularidades na relação entre indivíduos/ coletivos e alimentos pois chama a atenção para os aspectos políticos e sociais que envolvem o comer, o que tornam a alimentação um fenômeno neste campo (ROSS, 2012).

De acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira (2014), comer está além da ingestão de nutrientes. O ato do “comer” está imerso nos mais diversos significados, o que gera representações no âmbito cultural coletivo, até às experiências pessoais (BRASIL, 2014). Nesse sentido podem ser considerados aspectos importantes nas RS do comer, uma soma de informações, crenças, atitudes que um indivíduo ou grupo elabora sobre um objeto, situação, conceito, outros indivíduos ou grupos, assim sendo sua visão subjetiva e social da realidade.

Compreende-se que toda representação é construída através da relação sujeito – objeto, não existindo representação sem o objeto. Portanto, entende-se que a construção de uma RS é formada através do processo cognitivo individual, influenciada pelo meio social ao qual o sujeito está inserido e reproduzida a partir da comunicação (ABRIC, 2000).

Nesse contexto a agricultura familiar pode ser definida como espaço social, pois é condutor de uma temporalidade dinâmica, sobretudo em constante processo de construção de relações dos que ali vivem, de sonhos, desejos, riscos e por que não sofrimento e desilusões que permeiam o cotidiano. Tais relações criam as representações sociais em seu entorno pois sua história de luta marca uma trajetória nem sempre comum (FARIAS, 2002; SILVA; SOUZA, 2016).

O vivenciar a soberania alimentar, como no contexto da agricultura familiar, ocasiona novas experiências fazendo com que os sujeitos estabeleçam e construam novas representações sobre a comida, o que possibilita a ressignificação entre a relação do homem com a natureza. O agricultor então, tem seu olhar para a produção com diferentes cores e sabores originando um novo vínculo com o alimento (SILVA; SOUZA, 2012).

Diante da a pluralidade do ato de se alimentar, que traz consigo uma carga de simbolismos e significados formados através das representações do indivíduo em sua vivência formando então uma ressignificação do comer, o presente estudo procura refletir sobre as representações sociais do comer entre os agricultores familiares.

MATERIAL E MÉTODOS

Tipo de estudo, local da pesquisa e público participante

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, a qual conforme Minayo (2014), está relacionada a infinitos significados, propósitos, crenças, valores e atitudes que representam o espaço mais íntimo das relações, dos processos e dos fenômenos, e que não podem ser limitados à operacionalização de variáveis quantitativas.

O estudo foi realizado entre maio e dezembro de 2018, com agricultoras e agricultoras familiares do Movimento Camponês Popular, residentes da zona rural do município de Silvânia, sudoeste goiano, regional de saúde Estrada de Ferro.

Como critérios de inclusão considerou-se trabalhadores e trabalhadoras rurais que se dedicam ao cultivo e produção de diferentes variedades de alimentos. E que aceitaram participação na pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ou declarando o consentimento gravado. Nenhum participante foi excluído da pesquisa. Dentre os onze integrantes da pesquisa, oito deles assinaram o TCLE e três declaram consentimento por meio da gravação de áudio.

Os aspectos éticos da presente pesquisa estiveram em concordância com a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética da faculdade pelo protocolo de nº 27/2018-2.

Coleta de dados

O levantamento das falas e representações ocorreram por meio da realização de um grupo focal *in loco*. O local escolhido foi a Associação do Movimento Camponês Popular, devido ao fácil acesso pelos produtores e infraestrutura favorável à realização do grupo focal.

O grupo focal ocorreu em formato de roda de conversa e com o auxílio de um roteiro semiestruturado. O momento foi planejado e executado pela equipe de pesquisa composta por uma moderadora pesquisadora, a qual conduziu as discussões, e duas observadoras também

pesquisadoras do presente estudo, as quais foram encarregadas de anotações relevantes ao objetivo da pesquisa durante o grupo focal.

O grupo focal foi realizado conforma as etapas descritas no quadro 1. O momento foi dividido em três etapas:

Quadro 1. Sequência de atividades realizadas durante o grupo focal.

Etapas	Descrição das atividades
I	Acolhida (dinâmica de apresentação entre grupo de pesquisa e agricultores familiares.
II	Exposição de imagens impressas, as quais retratavam a realizada do campo, sistemas alimentares, e a agricultura familiar. O propósito dessa etapa foi o estímulo à proposição de opiniões, percepções, falas e diálogos.
III	Concomitante a apresentação das imagens os participantes foram encorajados a expressar o que aquelas figuras representavam, quais os sentimento e opiniões referentes às imagens e o que tinham a dizer sobre o que estavam vendo nas figuras.
IV	No terceiro momento deu-se continuidade às discussões por meio de questões direcionadoras. As questões estavam dispostas em um questionário semiestruturado previamente elaborado.

Fonte: Elaborado pelas autoras. 2018.

O grupo focal teve duração total de 57 minutos, com a participação ativa de todos os componentes. Todas as falas foram gravadas sob consentimento dos participantes da pesquisa e o seu conteúdo foi posteriormente transcrito e analisado.

Categorização e análise de conteúdo

O referencial teórico metodológico utilizado para análise das falas foi a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2003) que busca compreender a construção da representação social através da relação sujeito – objeto, e a análise de conteúdo por Bardin (1979), no qual a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Dessa forma, considerou-se para o estudo a relação sujeito (agricultores) – objetos sociais (comida), construída na vivência inserida em um grupo social, o contexto de vida e trabalho dos participantes da pesquisa.

Após o consolidado do material transcrito do grupo focal, foram feitas leituras exaustivas e posteriormente separação das mesmas em eixos temáticos, de acordo com a repetição ou identificação de ideias/ falas semelhantes ao longo dos debates. Buscou-se

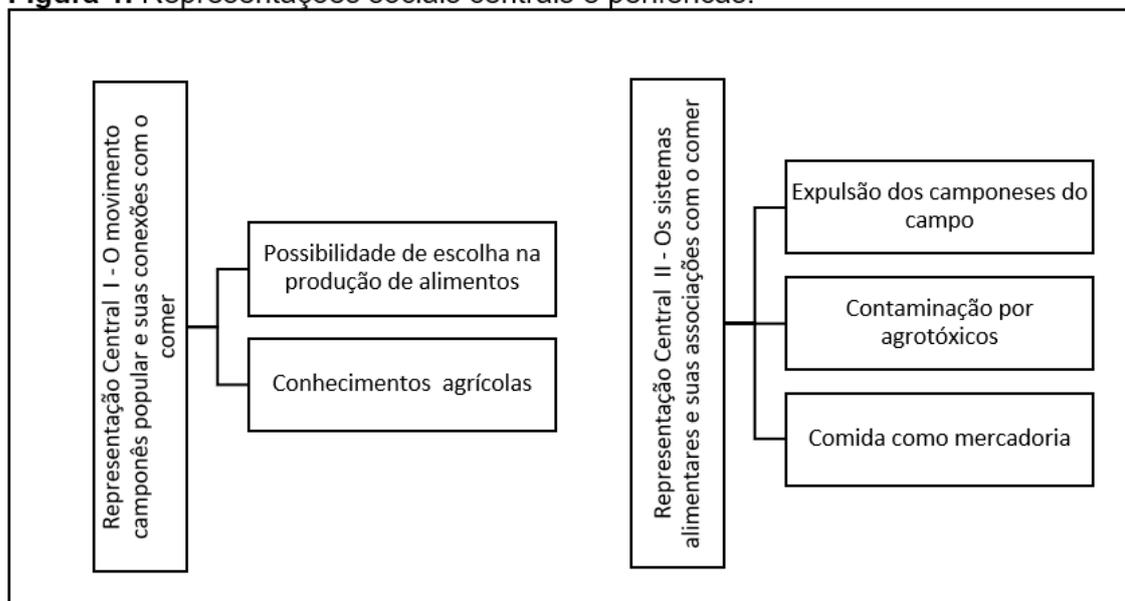
encontrar temas comuns e discordantes, utilizando-se como critérios exaustividade e saturação de falas durante a sistematização da análise de conteúdo.

Em seguida, de acordo com a Teoria das Representações Sociais as falas foram analisadas e divididas em Representações Centrais e Representações Periféricas, em que o primeiro pode ser definido como componente principal da representação pois por meio dele as categorias revelam seus significados e organização. Em continuidade, classificados como subnúcleos as Representações Periféricas que concretizam, regulam, prescrevem e preservam os comportamentos, individualizam as representações, enquanto protegem e estão ligadas diretamente ao núcleo central (Representações Centrais) (MOSCOVICI, 2003).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população de estudo foi composta por onze indivíduos, dentre estes, sete mulheres e quatro homens, com faixa etária entre 40 a 65 anos. Após as etapas de análises dos conteúdos transcritos, foram identificadas categorias centrais e periféricas, conforme metodologia de análise proposta. As categorias e subcategorias estão apresentadas na figura 1.

Figura 1. Representações sociais centrais e periféricas.



Fonte: elaborado pelas autoras (2018).

Foram identificadas duas categorias de representações sociais centrais: (i) “O movimento camponês popular e suas conexões com o comer”, e suas respectivas categorias

periféricas foram: “Possibilidade de escolha na produção de alimentos” e “Conhecimentos agrícolas”. A segunda categoria de representações centrais foi (ii) “Os sistemas alimentares e suas associações com o comer”, na qual foram identificadas as seguintes representações periféricas: “Expulsão dos camponeses do campo”; “Contaminação por agrotóxicos” e “Comida como mercadoria”.

O Movimento Camponês Popular e suas conexões com o comer

As discussões levantadas durante a pesquisa apontaram conexões entre a trajetória dos produtores dentro do Movimento Camponês Popular (MCP) e suas representações sobre o comer. Foi relatado que inicialmente a aproximação com o MCP partiu da luta pelas moradias em suas terras, contudo, a entrada e trajetória no movimento possibilitou novas representações entre os agricultores (sujeito) e comer (objeto).

Essas conexões foram constatadas por meio das falas que proferiram o fato de os produtores estarem no movimento e as possibilidades de escolha quanto ao que plantar e a forma como plantar; além disso falas sobre novos conhecimentos técnicos adquiridos foram relatadas. Depoimentos que ilustram tais constatações: “Nois tem o direito de plantar o que nós quer” (Agricultor 1). “É uma escolha, eu posso escolhe qual alimento que eu quero” (Agricultor 2).

Nesse sentido, sobre as possibilidades de escolha no cultivo dos alimentos, faz-se uma associação entre as representações do comer e o conceito de Soberania Alimentar. Soberania essa que foi caracterizada pelo grupo como a capacidade e possibilidade de fazer escolhas ao plantar e ao comer. Houve ainda associações entre o direito à alimentação e as escolhas sobre a forma de produção, ou seja, “o como e onde plantar”, e o que fazer com esse alimento.

A soberania alimentar pode ser caracterizada como uma ideologia com princípios justos, capazes de reconectar alimento, natureza e comunidade, conferindo ao agricultor seu poder de produção o que implica na construção de autonomia entre os camponeses (Silva, 2020). Para os participantes da presente pesquisa, integrar o Movimento Camponês Popular, possibilitou a emancipação para produção pois tiveram acesso à terra e sementes crioulas.

Feliciano e Pereira (2014) em pesquisa sobre as manifestações dos movimentos socioterritoriais do campo no Brasil, relacionaram a função promotora dos movimentos sociais camponeses com a soberania alimentar, apontando que as estratégias e lutas adotadas por esses movimentos promovem a mobilização, organização e fortalecimento dos agricultores ao

pautarem a Soberania Alimentar como bandeira de luta e efetivação de direitos, o que corrobora a este estudo.

Outra categoria de análise identificada foi as representações do comer associadas ao conhecimento agrícola (técnico) que os produtores adquirem mediante, prática na qual a representação do comer é marcadamente influenciada pelas relações de trabalho com a terra. Há uma relação de harmonia, respeito e justiça social no uso da terra, que se torna além da técnica, mas uma relação social, afetiva, cultural e ancestral. Fatos observados por meio das falas:

“A gente que vive na roça tem experiência, mais formação e conhecimento é bom!” (Agricultor 2). “Através dos programas das palestras a gente vai aprendendo a alimentar, com o conhecimento” (Agricultor 3). “[...] o MCP falou que era pra construção da casa, eu vim nesse intuito, mas depois conheci tanta coisa, me apaixonei pelo adubo verde [...]” (Agricultor 4). “[...] Ah e tem muitos tipos de inseticida que combate sem envenenar a horta, uma vez nois aprendeu com a folha do angico, timbosa [...] (Agricultor 1)”. “[...] aprendi sobre a urina de vinagre, nossa a urina de vaca de dez veis melhor que tudo [...] (Agricultor 2)”.

De acordo com Fernandes (1996) por meio dos movimentos sociais os camponeses passam por um processo de se conhecer e reconhecer-se no outro, reflete sobre sua realidade, acumula conscientização sobre o seu meio, e amplia seus questionamentos e saberes, o que gera a possibilidade de ações práticas refletidas no modo de vida, tais apontamentos corroboram aos achados do presente estudo:

“[...] nois que é pequeno eles só vê nois em grupo, se um pequeno ficar isolado fica sozinho” (Agricultor 6). “Tô plantando tudo, faz um ano já estou comendo minhas próprias verduras, tem porco, galinha o movimento valeu muito por que se não tivesse vindo não tinha o que eu tenho agora” (Agricultor 7).

Nesse contexto foi proferido ainda sobre o resgate de práticas esquecidas, como o contato e plantio com sementes crioulas: “Tô produzindo a semente crioula ,no tempo do meu pai plantava aí veio as tecnologia e parou tudo, mas agora ta voltando a antiguidade“ (Agricultor 8).

Através das representações encontradas foi visto a influência de movimentos sociais do campo, nas percepções dos agricultores no que diz respeito ao resgate de conhecimentos esquecidos, como as sementes crioulas citadas pelos agricultores. O mesmo ocorre com a autonomia gerada através da entrada ao movimento, a noção de sujeito de direitos, e outros debates políticos promovidos por movimento sociais, proporcionam o empoderamento dos

produtores sobre seu meio de produção que consequentemente possibilita a Soberania alimentar que é reconhecida por eles (agricultores) como o direito de fazer escolhas.

Os sistemas alimentares e suas associações com o comer

Por meio das discussões geradas no grupo foi possível o levantamento de representações do comer discutidas à luz dos sistemas alimentares. Nessa perspectiva foram abordadas pelo grupo reflexões sobre o modelo de produção de alimentos com base no agronegócio, e como ele afeta diferentes camadas relacionadas ao comer.

Para os camponeses participantes da pesquisa, o agronegócio representa indiretamente a expulsão dos pequenos produtores de seus territórios (o campo) para a cidade, uma vez que a utilização de agrotóxicos, ocasiona a destruição do ambiente em que vivem, e além disso, afetam suas plantações ao contaminar o solo, o ar, a água e os alimentos que cultivam. O que pode ser observado no relato: *‘Olhando daqui oh era tudo verde, tudo mato, agora destruiu tudo só soja’* (Agricultor 9).

Fernandes (1996), observou que o agronegócio impulsionado pelas grandes empresas multinacionais do sistema de produção agrícola, contribuiu para a expropriação do camponês do campo devido a funcionalidade de seu sistema agroalimentar, onde a concentração de terra e renda e a exploração do ser humano e da natureza são a base para o seu exercício.

Outros estudos têm investigado a toxicidade dos agrotóxicos e seus efeitos na fisiologia e reprodução dos organismos vivos, além do impacto em processos básicos do ecossistema, como a respiração do solo, perda de nutrientes, mortalidade de peixes e aves (ABRASCO, 2015; IBAMA, 2009). O impacto dos agrotóxicos está entre as representações levantadas pelo grupo como mostram os seguintes relatos:

“E ele vai pra tudo né, cai na água e água vai pro povo e vai adoecendo [...]” (Agricultor 7). “Agrotóxico além de intoxicar eles, ta batendo de lá ai dá um ventinho chega tudo aqui, num e só aqui e em todo lugar e como se diz, eles tão acabano com tudo” (Agricultor 10). “Na hora que eles batem os veneno, os bichinho vem pra cá, até as planta destrói” (Agricultor 11).

Quando questionados sobre o modelo dos sistemas alimentares hegemônicos, foi consenso entre o grupo focal que tais sistemas tratam o alimento como mercadoria e o ato de comer como fonte de lucro. Essa representação pode ser observada nos seguintes relatos:

“Eles só pensam em renda é só renda pra eles! (Agricultor 10)”. “[...] nois os pequeno quer só conscientizar de comer sem o agrotóxico e plantar, nois ia comer bem né e vive bem! (Agricultor 11)”.

Gonçalves e Alentejano (2008) discutem o papel do alimento como mercadoria no modelo atual do agronegócio. O estudo aponta que no ano de 2007 mais de 50% da produção mundial de grãos foi destinada ao consumo animal e para a produção de combustíveis. Com isso nota-se a contradição acerca da produção de alimentos, que inicialmente destinada a alimentação da população humana, em contraponto, há a produção para manter sistemas alimentares que sustentam o lucro das grandes corporações em detrimento da diversidade alimentar e da justiça social.

Em um estudo de Amaral e Zuin (2018) onde relatam o risco do agronegócio para o direito alimentar é apontado que o país ainda tem grandes índices de insegurança alimentar ao passo que o alimento se transformado em mercadoria. Dessa forma o agronegócio tem pontos positivos apenas para o setor econômico pois além de promover o desgaste e destruição da natureza, não resolvem o problema da fome no Brasil.

As representações geradas através dos sistemas alimentares são referentes a influência do agronegócio e suas práticas agrícolas, e seus impactos na vida e trabalho dos agricultores familiares. Nesse sentido, soma-se a discussão sobre o agronegócio como acelerador e condicionador da expulsão das famílias do campo. Uma vez que, as práticas agrícolas moldadas nesse contexto não permitem a permanência econômica e social do morador no campo.

CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou que representações do comer geradas pelos agricultores e agricultoras acompanham os processos de vivência, sociabilidade a partir de movimentos sociais de luta pela Soberania Alimentar. As percepções do comer não foram expressas em aspectos biológicos ou fisiológicos, mas proferiram contextos sobre a forma como os alimentos são produzidos.

Foram geradas representações quanto a influência dos movimentos sociais na busca da soberania alimentar. Nesse sentido as possibilidades de escolha quanto a forma de plantar e o que comer, os conhecimentos tradicionais e populares que permanecem somam-se em representações que conectam os movimentos sociais ao ato de comer.

Foi identificado ainda representações do comer marcadas por aspecto dos sistemas alimentares. Nessa perspectiva os modelos de produção hegemônicos, com o predomínio das monoculturas, geram exclusão socioeconômica e cultura das pessoas do campo, impulsionam

a contaminação do meio ambiente por agrotóxicos e ainda colocam a comida e o ato de comer como lucro.

REFERÊNCIAS

- ABRASCO. Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde / Organização de Fernando Ferreira Carneiro, Lia Giraldo da Silva Augusto, Raquel Maria Rigotto, Karen Friedrich e André Campos Búrigo. - Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015. 624 p.
- ABRIC, J.C. (2000). A abordagem estrutural das representações sociais. In A.S. Moreira, & D. C. Oliveira. Estudos interdisciplinares de representação social. (2ª ed., pp. 27-38). Goiânia: AB.
- ALVES, S.P; COSTA C.L .Resistir na terra :A luta pela moradia camponesa no movimento camponês popular. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia, 2012.
- BARDIN L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1979.
- BRASIL. Guia alimentar para a população brasileira / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed., 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 156 p.
- CONTRERAS, J. Alimentação sociedade e cultura / Jesus Contreras e Mabel Gracia; tradução de Mayra Fonseca e Barbara Atie Guidalli – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. 496 p.
- FELICIANO, C.A. O movimento camponês rebelde e a geografia da reforma agraria. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo.
- FELICIANO, C. A; PEREIRA, D. V. Pelas ruas, campos, cidades e avenidas: ações e manifestações dos movimentos socioterritoriais do campo no Brasil (2000-2011). In.: VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos (et al.). DATALUTA: questão agrária e coletivo de pensamento. São Paulo: Outras Expressões, 2014.
- FERNANDES, B. M. A modernidade no campo e a luta dos sem terra. In: Revista Cultura Vozes – Petrópolis: Vozes, nº1 –janeiro/fevereiro, 1996.
- FARIAS, M.F.L. Assentamento Sul Bonito: as incertezas da Travessia na Luta pela Terra. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista. Araraquara.
- GONÇALVES, C.W.; ALENTEJANO, P. Geografia Agrária da Crise dos Alimentos no Brasil. Encontro Latino Americano, 2008. Disponível em :<
http://latinoamericanos.posgrado.unam.mx/EVENTOS/EVENTOS2008/geografia/geografiabloque2_3.pdf.

- IBAMA. Produtos agrotóxicos e afins comercializados em 2009 no Brasil. 2009. Disponível em:http://www.ibama.gov.br/qualidade-ambiental/wp-content/files/Produtos_Agrotoxicos_Comercializados_Brasil_2009.pdf>.. Acesso em 06 de dezembro 2018.
- MAZUR et al., Terapia Nutricional Enteral Domiciliar: interface entre direito humano à alimentação adequada e segurança alimentar e nutricional. Curitiba, 2014.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar,1978. Representações Sociais: investigação em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- OLIVEIRA, F., & WERBA, G. C. (2002). Representações sociais. In M.G.C. Jacques, M.N. Strey, & M.G. Bernades. Psicologia Social Contemporânea (6ª ed., pp. 104 – 117) Petrópolis: Vozes.
- ROSS, D. A disputa pelo território: agricultura camponesa versus agronegócio nos assentamentos do centro-sul paranaense. XXII Jornada do Trabalho. SP; 2012.
- SILVA, D.L. Do Latifúndio ao agronegócio: os adversários do MST no jornal sem-terra. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- SILVA, M; SOUZA, J. Representações Sociais da Reforma Agraria. Rio Claro, 2012.
- SILVA, M.Z. A segurança e a soberania alimentares: conceitos e possibilidades de combate à fome no Brasil, Configurações [Online], 25 | 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.8626>
- ZUIN, A.L.A.; AMARAL, J.L.M.G. Direito alimentar e risco na sociedade moderna: a Amazônia e o agronegócio. Revista Direito e Praxis, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.417 – 442, 2018.